



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da unidade produtora da Sadia**

Vitória de Santo Antão- PE, 23 de março de 2009

Eu queria só que vocês lembrassem um número: se a gente pegar janeiro de 2003 onde, na hora em que foi fazer o balanço o banco só tinha emprestado R\$ 250 milhões, para o balanço que ele fez em janeiro de 2009, quando o banco, em 2008, emprestou R\$ 13 bilhões. Este é apenas um número. Um número que demonstra porque o Nordeste brasileiro está se desenvolvendo acima da média nacional.

Eu vou, Eduardo, citar apenas alguns dados aqui, rapidinho, que não devem estar aqui na minha agenda porque... ia falar mal da minha assessoria, mas não vou falar mais, porque está aqui. Mas veja uma coisa importante, Eduardo: 52% dos beneficiários do Bolsa Família são do Nordeste brasileiro, são quase seis milhões de famílias, 44% do orçamento do Ministério do Desenvolvimento Social vem para o Nordeste brasileiro, das 20.300 equipes do Programa Saúde da Família, 12 mil estão no Nordeste, representando 70% da cobertura, a maior do País; dos municípios prioritários do Plano de Desenvolvimento da Educação, 66% estão no Nordeste; 3,8 milhões de pessoas no Nordeste foram beneficiadas com o Programa Luz para Todos; o Plano Safra da Agricultura Familiar 2007-2008 aplicou 31% dos recursos aqui no Nordeste, quatro bilhões dos 13 bilhões previstos para o Brasil; 29 dos 60 Territórios da Cidadania implantados em 2008 estão no Nordeste, contemplando 499 municípios; 27 dos 60 novos Territórios da Cidadania que serão implantados em 2009-2010 estão no Nordeste, significando mais 425 municípios.

Esses dados, por si só, eles fazem a diferença que nós precisamos para saber porque eu estou aqui hoje, inaugurando uma fábrica. Eu vim aqui hoje



não apenas porque o Eduardo é meu companheiro, não apenas porque o Furlan é meu companheiro e foi meu ministro, e eu tenho até uma certa pena do Furlan e da Ana, porque quando o Furlan estava no Ministério a Ana vivia dizendo que o Furlan trabalhava demais e pediu para ele sair do governo, para dedicar um pouco mais de tempo a ela, e eu acho que ela hoje está com saudade do tempo em que o Furlan trabalhava no governo, que trabalhava menos do que está trabalhando na Sadia hoje. Não que trabalhava menos, é que a Sadia está exigindo muito mais dele do que eu exigia.

Bem, eu estou aqui também pelo significado do dia de hoje. Imaginar uma fábrica surgida em Santa Catarina há 60 anos, uma fábrica que exporta para mais de 100 países, uma fábrica que poderia construir mais uma em Santa Catarina, ou em São Paulo, ou no Paraná, uma fábrica que já tem nome nacional e internacional reconhecido, essa fábrica escolhe o estado de Pernambuco e uma cidade de Pernambuco para implantar a sua planta mais moderna nestes 60 anos de vida da Sadia. E, mais importante, é que o Furlan poderia ter feito como algumas pessoas costumavam fazer há pouco tempo: eu estou com um investimento grande numa cidade do Nordeste, tem uma crise econômica que nasceu no coração dos Estados Unidos, na Europa e no Japão, portanto, tem uma crise de crédito mundial, eu vou então suspender a construção dessa fábrica e vou deixar a economia voltar à normalidade, aí eu vou terminar o nosso investimento.

Se o Furlan tivesse feito isso, ele seria mais uma pessoa que teria ficado com medo de uma crise que a gente ainda não tem dimensão do tamanho e dos resultados que ela pode causar no mundo inteiro. O Furlan tomou uma decisão, na minha opinião, sábia, inteligente, de terminar a sua fábrica, colocar esses trabalhadores e trabalhadoras para trabalhar, eles trabalhando vão ganhar salário, vão virar consumidores dos produtos que eles produzem. E, portanto, quando essa crise terminar, a Sadia não terá que começar a construir, ela já terá a fábrica pronta, funcionando, e ela vai poder vender muito



mais para o Nordeste e aqui, para o Sudeste brasileiro.

Eu até vou ficar feliz, Furlan, no dia em que eu entrar em um supermercado lá em São Paulo e comprar um rolo desses, de mortadela, escrito “fabricado em Pernambuco”. Eu vou ficar, porque até então tudo o que a gente comprava era feito nas regiões Sul e Sudeste. Agora, quem sabe, o Sul e o Sudeste vão poder experimentar a lingüiça, o apresuntado e a nossa mortadela com o sabor nordestino, com o tempero nordestino.

Eu não tenho dúvida de que a decisão da Sadia foi uma decisão acertada, foi uma decisão de coragem, foi uma decisão de um homem que sabe que mesmo enfrentando momentos difíceis, em vez de parar e ficar chorando como alguns, levanta a cabeça, porque acredita que a única forma que nós temos que vencer as crises que se apresentam diante de nós é a gente ter mais coragem do que a crise e enfrentá-la de cabeça erguida, trabalhando mais e investindo mais, porque esta é a solução.

Essa não é uma crise, Eduardo, que a gente tenha que fazer contenção de despesas. Tem uma crise, vamos fazer contenção de despesas, vamos fazer um ajuste fiscal. Não. Essa crise, para que a gente a vença, nós temos que fazer mais investimentos, nós temos que gastar dinheiro com coisas que gerem projetos de infraestrutura, que gerem empregos e que gerem uma credibilidade na sociedade, de que nós estamos fazendo a coisa certa.

Vocês estão lembrados que no dia 22 de dezembro eu entrei em rede nacional de televisão para falar da crise e para pedir para o povo consumir, para pedir para o povo comprar. Porque a crise é uma coisa absurda: ela é real, ela existe, ela é mais forte na Europa, nos Estados Unidos e no Japão. Ela começa a incomodar o Brasil em que momento? Ela começa a incomodar o Brasil na hora em que o crédito internacional, que muitas vezes financiava as grandes empresas brasileiras desaparece, e aí essas empresas grandes vêm buscar dinheiro aqui dentro, e aí nós não temos o dinheiro todo para emprestar, como as pessoas desejavam. Ou seja, 30% do crédito brasileiro era tomado no



exterior. Na medida em que esse crédito desaparece, esses 30% de tomadores vêm para dentro do Brasil, significa que é preciso arrumar mais crédito para atender aqueles que já pegavam aqui e aqueles que vieram pegar. Esse é o primeiro problema.

O segundo problema que nós temos, da crise, são as exportações. Certamente, se os chineses não quiserem importar tudo o que importavam de nós, se os americanos, que têm uma crise profunda, não quiserem importar tudo o que importavam de nós, certamente que o setor exportador vai deixar de vender um pouco daquilo que vendiam. E, por isso, nós estamos tomando medidas para que uma parte desse prejuízo que a gente possa ter com as exportações, a gente tenha aqui no mercado interno o povo comprando. Foi por isso que a primeira medida que nós tomamos foi a medida de resolver o problema do crédito para a indústria automobilística. Sabem por quê? Porque ela significa 24,5% do PIB industrial, que vai da empresa que produz o carro ao borracheiro que está aqui na rua de Vitória de Santo Antão, trocando pneu de carro ou pneu de caminhão.

A segunda coisa que nós fizemos foi tentar facilitar o capital de giro para a pequena e média empresa. Aqui, por exemplo, no estado de Pernambuco, o setor de fruticultura da região de Petrolina, nós fizemos, acho que o BNB fez também, um alongamento da dívida deles, para que eles não precisem pagar agora, porque exportavam frutas para a Europa, para o Japão. Na hora em que eles param de comprar, e eu acho que eles vão voltar a comprar logo, porque eu não esqueço o dia em que eu encontrei com o Primeiro-Ministro japonês, o primeiro-ministro chamado Koizumi.

O Japão, Eduardo, fazia 28 anos que não importava manga do Brasil, por causa da chamada “mosca do fruto”, ou o “bicho da mosca”, sei lá. Mas era a mosca do fruto. E o Furlan me contou isso, o Furlan era ministro e me contou: “Lula, faz 28 anos que a gente quer vender fruta para o Japão e eles não compram por causa do bicho da mosca.”



Aí chega o ministro, senta na minha mesa, a primeira coisa que eu mandei fazer foi buscar uma tigela de manga. Uma tigela de manga cortada e uma tigela de manga inteira, para ele ver a cor da manga. Aí pedi para ele experimentar, ele falou: “gostoso!” Eu falei: “Gostoso? Mas faz 28 anos que vocês não compram da gente. Pode começar a comprar.” Ou seja, dois meses depois saiu o primeiro carregamento de manga aqui de Petrolina para o Japão.

Eu acho que eles não vão conseguir viver muito tempo sem as delícias das coisas que eles importam de nós. Mas de qualquer forma, nós temos que olhar isso com atenção, nós temos que dinamizar a economia em outras áreas, para que a gente não sofra os efeitos da crise no mercado interno. É por isso que nós tomamos uma decisão: nós não vamos parar uma obra do PAC. O Eduardo Campos sabe, o prefeito de Pernambuco [Recife] sabe, que a ordem é não parar nenhuma obra. E aquela que puder trabalhar em dois ou três turnos, nós temos que trabalhar, porque esse período é o período em que a crise se apresentou mais forte nos Estados Unidos, na Europa e no Japão, e ela pode trazer resultados para cá.

Eu acho que o período mais difícil nós já vivemos em outubro, novembro, dezembro e janeiro. Se vocês atentarem, o número de empregos do Caged do mês de fevereiro, já não foi negativo, foi positivo. Nove mil empregos a mais foram criados no mês de fevereiro. É pouco, mas é um sinal extraordinário.

E o Eduardo Campos sabe que a economia do Nordeste, nos próximos dez anos, será outra economia. Imaginem que daqui a uns dois meses eu vou fazer uma visita ao estado de Pernambuco outra vez, ao estado do Ceará e ao estado do Piauí, onde vai passar o corredor central da Transnordestina.

Eu fui visitar a Transnordestina, sabe prefeito, que era um sonho do Miguel Arraes. Na campanha de 89, no aviãozinho, saindo do Crato, o Arraes falava para mim: “Lula, se você ganhar faz essa ferrovia, recupera ela”.

Pois bem, nós, agora, depois do BNB me enrolar não sei quanto tempo,



depois do BNDES me enrolar, porque esse pessoal é bom mas enrola a gente, ou seja, a gente acorda, dá o dinheiro, e quando a gente pensa que deu o dinheiro, passam seis meses e o dinheiro não saiu ainda. Não sei que povo para gostar e ficar sentado em cima de dinheiro...

De forma que eu fui lá visitar agora. Fui visitar com o Eduardo Campos, com o governador Cid, do Ceará, e com o Wellington. E assumimos um compromisso: o BNDES e o BNB liberam o dinheiro e a gente, em vez de trabalhar num lote de 100 Km, com mil trabalhadores, nós vamos fazer seis lotes de 100 Km, contratando 6 mil trabalhadores para a gente inaugurar essa ferrovia antes de eu deixar a Presidência da República. Nós temos o dinheiro, temos a vontade política e temos a necessidade de fazer essa ferrovia.

Eu ainda virei aqui inaugurar o Estaleiro Atlântico Sul, que vai produzir navios do tamanho de Pernambuco, grandes. Vamos ser francos, quando vocês imaginaram que ia ter um estaleiro grande aqui em Pernambuco, produzindo grandes navios?

Eu ainda vou vir inaugurar, nem que seja a primeira parte dessa refinaria, ainda em 2010, além de outras obras. O Eduardo está fazendo uma obra que, em Recife, nunca mais uma dona de casa vai abrir uma torneira e vai dizer: “Faltou água”, que é uma coisa crônica na capital do estado, que ninguém nunca cuidou. Pois bem, nós vamos resolver o problema da água em Recife, para que ninguém, sobretudo as meninas e os meninos de 14 e 15 anos, não encontrem como desculpa não tomar banho porque não tem água, porque às vezes não toma porque não quer tomar mesmo. Ou seja, vai ter água para todo mundo tomar banho.

E isso demonstra o quê? Demonstra que o Nordeste começou a crescer uma coisa que há muitos anos não crescia. Furlan, tem gente que fala mal do Bolsa Família, são R\$ 80,00, R\$ 90,00, R\$95,00, R\$ 65,00, e tem gente que acha ruim, tem gente que fala que é esmola. Eu acho que para o cidadão que pode entrar em um hotel cinco estrelas, e o cara pode dar de gorjeta, depois de



tomar os seus uísques, R\$ 100,00, não é nada. Mas dê R\$ 100,00 na mão de uma mãe para você ver a multiplicação dos pães que ela faz, com R\$ 1.000,00 [R\$ 100,00?] para comprar comida para casa.

É isso que uma parte da elite brasileira não entende. É isso que uma parte da elite brasileira não enxerga. Acabou aqui, Furlan, uma coisa que todos nós vivemos, que eram as frentes de trabalho. Os coitados dos governadores e dos prefeitos, bastava vir a seca: “frente de trabalho”. Frente de trabalho pagava R\$ 30,00 por mês para um trabalhador ficar batendo enxada, de um canto para o outro, sem produzir nada. Acabou, faz alguns anos que a gente não ouve falar na palavra “frente de trabalho”, por causa da seca no Nordeste. Porque as pessoas não estão tendo tudo o que merecem, mas as pessoas estão tendo tudo que nunca tiveram neste país, que é o respeito que se tem pelo povo pobre deste país, é a consciência de que o Brasil não pode ser governado apenas para aqueles que podem viajar de avião. O Brasil não pode ser governado apenas para aqueles que conseguiram ter acesso a um diploma universitário. O Brasil não pode ser governado apenas para aqueles que conquistaram a cidadania. É preciso que os homens políticos deste país olhem para aquela parte da sociedade que está esperando uma oportunidade. E quando as pessoas têm uma oportunidade, as pessoas vão longe.

O Furlan me apresentou o diretor responsável por essa planta aqui, o diretor industrial, eu estou vendo ele ali, como é o nome dele? O diretor da... Um diretor da empresa que cuidou de acabar essa empresa aqui. E eu dizia para ele: “Olha, você vai ter uma surpresa. Você vai lidar com o trabalhador nordestino, você vai lidar com gente pobre, gente que, muitas vezes, nunca pensou em trabalhar em uma fábrica, meninas e meninos, você vai trabalhar. E qual é a surpresa que você vai ter? É que você vai ver uma criatividade que muitas vezes você não vê na cabeça de alguém que estudou muito neste país. Segundo, você vai ver uma capacidade de trabalho que em outras regiões as pessoas já perderam. Você vai ver à vontade”. E ele começou a falar comigo,



Furlan, eu senti que se eu continuasse a conversa, ele ia chorar. Porque, na verdade, você pega a maioria desses meninos que estão aí, que vão trabalhar aqui dentro, você pega aquelas meninas que estão ali dentro, essas pessoas nasceram, são filhas de mãe sofrida, de pai sofrido, nunca tiveram a oportunidade de falar: “Eu sou gente. Eu trabalho dignamente, ganho um salário e vou cuidar da minha família, para o meu filho ser muito mais gente do que eu”.

Porque aqui, Furlan, nesta terra... E essa terra, muitas vezes, no final de ano, enquanto muita gente está comemorando a festa de Natal, a festa de Ano Novo, a festa disso ou daquilo, aqui neste Nordeste tem muita gente que não sabe onde está o filho. E, muitas vezes, as pessoas que vão para o Centro-Sul não escrevem para cá e não voltam para cá porque, muitas vezes, não deram certo, e as pessoas não querem mostrar para a família que estão pior do que quando estavam aqui. Essas pessoas aqui, esse pessoal é calejado de sofrimento, Furlan.

Então, quando uma empresa como a Sadia toma uma decisão de dizer: eu vou lá em Vitória do Santo Antão, vou montar uma empresa, vou chamar os trabalhadores rurais, eles vão produzir a carne que nós precisamos... Porque vai ter um dia que vai ser tudo produzido aqui, as vaquinhas falando “oxente”, berrando diferente das vaquinhas do Sul... Vocês vão ver a galinha diferente. Vai ser tudo melhor, Furlan. E eu posso dizer, Furlan, nós vamos viver ainda pelo menos uns 20 anos, eu posso te dizer uma coisa: você e a diretoria da Sadia ainda vão ter muito orgulho do dia em que vocês decidiram escolher este estado e esta cidade para fazer essa fábrica.

E hoje eu vim aqui para dizer o seguinte: se tem crise, que venha. Venha, vamos enfrentar a crise. Nós vamos enfrentá-la de cabeça erguida, vamos enfrentá-la criando alternativas. Porque se um Presidente da República não faz isso, se eu pegar os jornais de manhã e ler, eu me deito embaixo da cama, não tenho nem vontade de sair. Tem horas em que eu penso que o País



acabou. É verdade!

Eu estava em um jantar, um dia desses, e tinha alguns empresários e muita gente reclamando da crise. Aí, um empresário, que tem shopping em seis estados do Nordeste, falou assim para os empresários: “Por que vocês não vão lá para o Nordeste? No meu shopping nós estamos vendendo mais do que estamos vendendo no Rio, mais do que estamos vendendo em São Paulo, mais do que estamos vendendo no Rio Grande do Sul. Sabe por quê? Porque o povo nordestino aprendeu a ganhar um pouco mais, aprendeu a conquistar cidadania, aqui teve mais emprego, aqui as pessoas estão em um processo de inclusão que nenhum outro estado está”.

É por isso que nós vamos fazer mais uma refinaria. A refinaria do Maranhão, Furlan, é para 600 mil barris de petróleo. A refinaria de Fortaleza é para 300 mil barris de petróleo. Eu quero ver como será esse Nordeste, porque atrás de uma refinaria em Pernambuco vem um pólo petroquímico, atrás de um pólo petroquímico vem outras empresas. E a gente vai perceber que daqui a 10 ou 15 anos, a gente vai ver isso aqui e vai perguntar: “será que eu estou no Nordeste ou estou em São Paulo?”

É. Porque isso aqui, isso aqui passou muito tempo encruado. Muito tempo. Não sei se vocês já perceberam, uma árvore que vocês plantam em uma terra ruim, e ela fica, fica murcha, ela não cresce, as folhas enrugam, aí você pega, coloca um pouco de adubo, sabe, coloca um pouco de adubo. Tem gente que quer enterrar adubo no caule. Não. Adubo é colocado na sombra da copa. Coloque bastante adubo ali, coloque água, faça um tratamento da terra, e você vai ver que aquela árvore vai desabrochar e vai crescer. É o que está acontecendo no Nordeste. O Nordeste desabrochou.

Portanto, Furlan, hoje você me deu um prazer. O Eduardo Campos me dá uma alegria tremenda, porque este estado aqui merecia viver o que está vivendo. Foi muito tempo de encruamento, muito tempo.



Primeiro, quando o governador não gostava do Presidente, o Presidente não gostava do governador e não mandava nada para cá. Era. Teve um tempo em que se não gostava do prefeito, morria à míngua. No nosso governo, eu não quero saber se o prefeito é do DEM, não quero saber se o prefeito é do PSDB, não quero saber de que partido é o prefeito. Eu quero saber se ele é o representante do povo e, se o povo tiver necessidade, será atendido igualzinho a se fosse do PT, do PSB, do PC do B. Eu sei que os prefeitos, agora, estão todos agoniados porque está diminuindo o FPM. Está diminuindo. Agora veja: se cai a receita do governo federal, vai cair a receita do governo estadual e vai cair a receita municipal. Isso é um problema.

E, minha querida prefeita, fique certa de que estou levando os seus sinais aí. Todos os sinais que você fez para mim, eu estou levando para Brasília, porque nós vamos estar atentos, porque nós sabemos que se a prefeitura não estiver bem, o povo também não está bem. Então, nós precisamos ajudar para que as prefeituras tenham o mínimo de capacidade de investimento. Se cada prefeitura tiver capacidade de investimento, vai facilitar a vida do governador, o governador vai chorar menos para o Presidente, vai facilitar a vida do Presidente e vai sobrar mais dinheiro para a gente fazer as coisas.

E, eu vou terminar dizendo o seguinte: Furlan, eu estou chegando em Brasília quarta-feira. Quarta-feira nós vamos dar mais uma resposta para essa crise: nós vamos anunciar um projeto de construção de um milhão de casas populares nesse país, para quem ganha de zero a dez salários mínimos.

É o maior programa habitacional já anunciado neste país. Estou pedindo a Deus que os prefeitos, que os governadores e que as empresas tenham capacidade de utilizar os recursos que serão disponibilizados para que a gente possa construir. Se um programa como esse der certo, quem vier depois de mim não pode fazer mais um milhão, tem que fazer um projeto de dois milhões, de três milhões, para a gente poder resolver o problema deste país.



Portanto, meus companheiros de Vitória de Santo Antão, meu caro prefeito Elias, meus companheiros de Pernambuco, eu quero dizer para vocês que não tem nada mais gostoso para um Presidente da República do que começar uma segunda-feira, depois do Corinthians ganhar do Santos, vir aqui ao meu estado, a Vitória de Santo Antão e, em vez de ver uma garrafinha de Pitu, a gente ver um rolão de mortadela de três quilos.

Obviamente, certamente, o Furlan não vai falar isso, para a imprensa não escrever. Mas, certamente, o Furlan veio aqui tomou uma “Pituzinha” gelada, e ele falou: “uma Pitu com uma mortadela, vai dar jogo. Eu vou investir aqui, porque aí nós vamos ganhar mais.”

Um abraço gente. Que Deus abençoe o povo brasileiro, o povo de Pernambuco e o povo de Vitória de Santo Antão.

(\$211A)